

Vivências

a Imaginária Religiosa
no Concelho de Ovar

da Paixão de Cristo





As Capelas dos Passos da Paixão de Ovar uma ideia para uma exposição

O Barroco, enquanto período de elevação do drama a uma escala teatral, foi o grande responsável por transformar uma prática de raiz medieval num importante movimento de fervor religioso católico, orientado no sentido de elevar o culto da morte e Paixão de Cristo a um programa pedagógico e catequético, segundo as orientações defendidas e postas em prática após o Concílio de Trento.

Aos Cruzados que defenderam e conquistaram os lugares Santos de Jerusalém e à divulgação medieval das peregrinações como prática para chegar até Deus, se deve a criação de caminhos de substituição para todos os crentes que não tinham condições de alcançar esses lugares sagrados.

Se o homem medieval ensinou o caminho, à estratégia da Reforma Católica se deve o seu incremento. Por todo o mundo Católico se difundiu a prática da via-sacra, por todo o mundo católico se multiplicaram os Sermões alusivos à morte, à santa Cruz e ao caminho doloroso de Cristo para o Calvário.

Portugal acompanhou este movimento religioso. Procissões da Penitência que se realizavam por todo lado num apelo ao auto-suplício como resgate do pecado, encenavam e apelavam ao sacrifício e à dor, como aconteceu em Cernache, em 1742, onde os *rapazes, todos vestidos de branco, descalços, coroados de silvas e nas mãos com santos Cristos, ou caveiras ou contas (...) e os homens que vinham de branco, descalços, coroados de silvas (...) alguns se iam açoutando, outros com disciplinas, outros levavam cruces às costas(...)*¹. Na Quinta-Feira Santa realizava-se a Procissão das Endoenças, onde, mais uma vez, se fazia um apelo ao sofrimento e à dor, atitude preparatória para a interiorização da morte do Redentor.

A par de todas estas manifestações de grande carga dramática, começam-se a levantar por todo o mundo católico palcos de pedra para a encenação da tragédia humana e divina, palcos, em suma, erguidos em substituição ao palco original do Calvário de Jerusalém². Para que a Jerusalém dos Passos da Paixão de Cristo se repetisse, optou-se por aplicar esses programas privilegiando sempre uma elevação do terreno mais ou menos acentuada, criando aquilo que se pode considerar como Sacro-Monte.

O primeiro e mais antigo Sacro-Monte cristológico, consagrado à evocação da via dolorosa, foi construído em Córdoba, em Espanha, no ano de 1405, numa iniciativa patrocinada pelo padre pregador Álvaro de Córdoba³. Depois desta primeira iniciativa, Lubeck, Dusembach, na Alsácia, Nuremberg e Romans, na Alemanha, Valérien, próximo de Paris, Varallo, Varese e Orta, em Itália, etc., viram ser erguidos estes caminhos da Cruz, onde se representava, em capelas de Passos, a via dolorosa de Cristo desde a Última Ceia até à representação cenográfica do Calvário.

O fenómeno também se fez sentir em Portugal. Se o Santuário do Bom Jesus do Monte, em Braga, aparece como o exemplo mais bem conhecido e estudado, não constitui, no entanto, exemplar único. Em toda a região centro e norte do País, sente-se o impacto dos padres pregadores que apelavam à sua edificação. Às Irmandades dos Passos competia organizar o culto e envidar todos os esforços para se conseguir a sua materialização. Muitas vezes, estas *via-crucis* eram construídas no

¹ A propósito deste assunto consulte-se MASSARA, Mónica - *Santuário do Bom Jesus do Monte*. Braga: Confraria do Bom Jesus do Monte, 1988, p. 21.

perímetro urbano, abandonando a ideia original de Sacro-Monte. Foi o que aconteceu em Guimarães, Penafiel, Porto, Ovar, etc.

A Irmandade dos Passos de Ovar, patrocinada pelo Conde da Feira, aparece já referenciada em pleno Séc. XV. A grandeza das cerimónias organizadas por esta Irmandade sempre dependeu da época que se estava a atravessar. A data de 1646 representa um desses momentos de crescimento, pois recebeu um *Breve* do Papa Inocêncio X que distribuía pelos Irmãos da Irmandade as maiores recompensas espirituais, o que muito contribuiu para a afirmação desta Instituição de leigos no seio da sociedade owarenses, fazendo dela um ponto de referência a seguir e apoiar. As primitivas capelas dos Passos eram *templosinhos de madeira forrados a baeta e crepes com as suas cortinas de correr, petrechos que cada ano se ia buscar e alugar ao Porto* e abrigavam autos sacros representados com *figuras de colmo que se revestia com fardas de estôpa grossa pintada*⁴.

A vontade de engrandecer as manifestações litúrgicas, patrocinadas por esta Instituição, conseguiu-se através da provisão régia de 1747 que instituiu o *real do vinho*⁵ que, em Ovar, ficou conhecido como o *real dos Passos*, o que permitiu, em 1748, o início da construção de novas capelas, agora de pedra e cal.

As obras duraram até 1756, altura em que já eram dotadas com algumas das figuras que compunham cada um dos passos da *Via-Crucis*⁶. Desconhece-se o autor ou autores da obra de pedraria, de talha e escultura. Manuel Lírio aponta António José Pintor como o responsável pela pintura das imagens e do forro das ditas capelas⁷.

De arquitectura simples, as capelas, que se iniciam dentro da igreja matriz e continuam pelo interior da malha urbana, vão terminar num majestoso edifício que alberga a cena do Calvário, que também é conhecida como Capela de S. Pedro. Se o exterior dessas capelas é de traça repetitiva e arcaizante, já o interior foi ricamente decorado com pinturas de perspectiva e rica talha que emolduram os diferentes Passos da *Via-Crucis*.

As imagens que fundamentam cada um dos momentos da Paixão encontram-se, no dizer de A. Nogueira Gonçalves, *fora dos conceitos de arte superior*, revelando a participação de vários artistas, alguns de origem popular. Afirma, ainda, aquele prestigiado historiador, que *a execução é de oficina habituada à imaginária comum das igrejas. As figuras de Cristo, Virgem e S. João, Mulheres e Cireneu, procuram ser patéticas dentro de certa nobreza*⁸. *As dos soldados e mais figurantes, seguindo a tradição do povo, possuem uma certa excentricidade. Se naquelas se encontra um ou outro pormenor de agrado, nestas o que chama a atenção são as qualidades de caricaturista de que o artista era dotado e que lhes dão individualidade*⁹.

⁴ LÍRIO, Manuel - *Os Passos*. Ovar: Imprensa Pátria, 1922, p. 20.

⁵ O Real do Vinho, que custeou uma parte importante de todo o conjunto das Capelas dos Passos de Ovar, manteve-se em vigor, pelo menos, até 1830, data em que ainda aparece referenciado. A propósito deste assunto veja-se LÍRIO - *Os Passos*, p. 23 e p. 27.

⁶ LAMY, Alberto Sousa - *Monografia de Ovar. Freguesias de S. Cristovão e S. João de Ovar, 922-1865*. Ovar: Câmara Municipal de Ovar, 2001, p. 169.

⁷ LÍRIO - *Os Passos*, p. 24.

⁸ A imagem de Cristo, repetidamente representada em diferentes Passos, lembra, em alguns aspectos, a tradição de representação de Cristo da escultura flamenga.

⁹ Cfr. LAMY, Alberto Sousa - *Monografia de Ovar* - n. 171. A propósito deste assunto, diz Manuel

Apesar desta excentricidade, actualmente acentuada pela má intervenção do pintor German Iglésias nos anos quarenta do século passado, constitui este núcleo um importante conjunto de imaginária de cariz e vivência popular, digno de destaque. Se as compararmos com as imagens que enchem, hoje, as capelas do Bom Jesus do Monte, em Braga, sem dúvida que as poderemos considerar bem mais representativas da linguagem e mensagem da escultura Barroca.

São sete as capelas dos Passos da Paixão de Ovar:

Capela e Passos da Igreja Matriz, ou Capela do Pretório.

Capela e Passo da Primeira Queda.

Capela e Passo do Encontro.

Capela e Passo do Cireneu.

Capela e Passo da Verónica.

Capela e Passo das Filhas de Jerusalém.

Capela e Passo do Calvário.

Na igreja Matriz, em capela construída do lado do evangelho, apresentam-se várias passagens bíblicas alusivas à Quinta-Feira Santa. Em baixo relevo, representam-se as cenas do Lava-pés, Última Ceia, Cristo no Horto e o Beijo de Judas, revelando, todas elas, que o artista copiou gravuras de épocas bem distantes. Envolvidas por rica talha barroca do período joanino, com acrescentos rococó, aparecem as belas imagens de *Cristo atado à coluna* (*Prendeu Pilatos a Jesus e o mandou açoitar*, São João, 19/1) e do *Ecce Homo* (*Eis aqui o Homem*, João, 19/4 e 5), bem como a imagem de vestir do Senhor que toma a Cruz, popularmente conhecida como o *Senhor dos Passos*.

A primeira capela que nos aparece fora da igreja matriz, integrada, portanto, no circuito urbano, apresenta-nos um curioso grupo de personagens que envolvem a figura de Cristo (de excelente recorte escultórico) que cai pela primeira vez. Junto à capela do Passo do Encontro, na rua Alexandre Herculano, dava-se um dos grandes momentos da procissão do Encontro, noutros tempos¹⁰, organizada pela Irmandade dos Passos. A propósito, recorda-nos o P. Manuel Lírio “... Saía a Senhora, em certa altura, da capela de S. Tomé (ou das Filhas de Jerusalém) e mais tarde da de Santo António (ou do Cireneu), em pé no seu andor, num préstito muito distinto pela qualidade das pessoas que o formavam e dirigia-se para o Passo do Encontro, na Rua da Amargura, chegando aí ao mesmo tempo que o andor dos Passos, que marchava em sentido oposto. Encontravam-se. O rosto da Virgem, afogueado de pranto na expressão da dor mais acerba, ali em frente de seu Filho condenado à morte, a caminho do lugar do suplício, de corda ao pescoço e cruz às costas, como o pior facínora, de rosto pisado e banhado de sangue, era espectáculo sempre novo e emocionante, que desentranhava do coração do povo, ali apinhado, lágrimas quentes e soluços. Um padre, de ordinário um frade, destacava-se então daquela massa subindo a um púlpito e perorava num sermão sem exórdio, repintando em voz magoada o quadro das dores da Mãe e Filho naquele transe supremo...”¹¹.

Nas capelas dos Passos seguintes, até à do Calvário, a figura de Cristo, caminhando

¹⁰ Ainda hoje a devoção das gentes de Ovar se sente em vários tempos da Paixão. A Procissão dos

e suportando o madeiro da Cruz, continua a destacar-se no conjunto de cada uma das cenas. O apogeu de todo o espectáculo vamos alcançá-lo na Capela do Passo do Calvário. Aí, ao lado de figuras bem caricaturadas, destaca-se a bela imagem de Cristo crucificado, revelando-se o escultor dos Passos de Ovar o santeiro de outras paragens. Como afirma A. Nogueira Gonçalves “... *aí, no alto e no fundo, a cena da tragédia, Cristo crucificado e os ladrões com ele, Longuinhas, as mulheres e costumados comparsas; na frente, formando o plano da atracção da curiosidade popular, os carrascos jogando as vestiduras do crucificado. Neste conjunto, destaca-se a figura de Cristo. Sendo a espécie de imaginária que o artífice mais frequentemente produzira, conseguiu, aqui, uma obra de notar: corpo dramaticamente movido, músculos fortemente acentuados, volumes dispostos mais por instinto que por conhecimento deles, a vincar o conteúdo trágico da representação*”¹², pois à representação e encenação se refere todo o programa escultórico concebido pela Irmandade dos Passos de Ovar, para encher as sóbrias capelas que fizeram erguer com o esforço de toda a comunidade ovarense que teve, nomeadamente, que suportar o acréscimo de um real em cada quartilho de vinho que consumia.

Ovar, ao integrar no seu perímetro urbano este conjunto de capelas, pretendeu recriar a via dolorosa de Cristo a caminho da morte Redentora, ao mesmo tempo que fomentou a teatralização do Descimento da Cruz e da procissão do Enterro do Senhor, numa atitude de piedade sentida que se enquadra no programa pedagógico da política de propaganda saída das decisões reformadoras do Concílio de Trento. Hoje, como ontem, a riqueza dos cenários então concebidos foi o mote que inspirou uma exposição que alargasse o âmbito de leitura a todo o Concelho de Ovar. Fomos à procura de vivências da Paixão nas paróquias que o constituem. Encontrámos restos dessas vivências nas imagens de Cristo crucificado, de Cristo morto, da Virgem Dolorosa, do Senhor dos Passos, do Ecce Homo, de Cristo preso à coluna, pequenos pormenores, resíduos dum passado que mora já ali. É esse passado que pretendemos partilhar, trazendo até ao centro urbano outros sentires, outros lugares, enfim, outros gostos. Partilhem.

*José Manuel Tedim**